O AMOR HUMANO DE DEUS EM OSÉIAS

João Daiber

Os apelos vindos de toda parte para que a Igreja valorize mais a afetividade, que seja mais acolhedora e que valorize mais o sujeito, sem dúvida, são válidos. Deus se revela de uma maneira bem afetuosa, principalmente na pessoa do Filho nas suas relações com os pobres, os doentes e os pecadores. A Igreja, sacramento do Cristo, não pode ser sinal da presença dele se os primeiros valores são dogmas a serem decorados, regras a serem seguidas, burocracia a ser respeitada e autoridade a ser obedecida. Essas certamente não eram as prioridades de Jesus e ele até combatia tal mentalidade.

Porém, é importante saber distinguir entre afeição e emoção, entre afetividade e emotividade, e saber valorizar o sujeito nas suas decisões sem necessariamente apoiá-lo sempre nas reações emotivas. Quando falamos de "afetividade", estamos nos referindo à maneira de a pessoa se relacionar com outras pessoas e com grupos. Pensamos logo em manifestações afetuosas: o beijo respeitoso do filho na mão do pai, a bênção do pai que toca levemente a cabeça do filho, o abraço carinhoso do amigo, o beijo apaixonado dos recém-casados. A afetividade está estreitamente ligada com as emoções, embora não seja uma reação emotiva. A afetividade, pois, envolve a pessoa toda, seus sentimentos mas também seu intelecto, sua vontade e sua atividade, enquanto emoções são reações espontâneas e involuntárias diante de alguma situação. Encontrando-se pela primeira vez com um outro, a pessoa pode sentir logo simpatia ou aversão para com aquela pessoa, sem saber por quê. Isso não depende da vontade da pessoa, simplesmente acontece. Da mesma forma, entrando em um ambiente desconhecido, a pessoa pode se sentir acolhida ou rejeitada sem que ninguém fale uma palavra ou faça qualquer gesto. As emoções, porém, muitas vezes enganam; conhecendo melhor a pessoa ou o ambiente, a pessoa pode se decepcionar ou se animar com os recém-conhecidos. Ter uma vida afetiva equilibrada e saudável implica em não ser dominado pelas emoções mas saber administrá-las. É importante reconhecer que emoções não têm nenhum valor moral, não fazem de nós pessoas "boas" ou "ruins". Simplesmente acontecem, embora também possam ser provocadas. E, hoje em dia, algumas pessoas parecem pensar que provocar emoções tem alguma coisa a ver com o ser sacramento de Jesus Cristo.

Provocar emoções é até fácil. Basta ensaiar. Os homens aprenderam isso desde antes da época do teatro grego. Aristóteles falava que a finalidade do teatro era provocar *pathos* (empatia): a identificação profunda da audiência com os atores e o expurgo de todos os sentimentos que poderiam ser negativos para a sociedade. Isso era feito com a ajuda de máscaras representando ira, tristeza ou alegria. O teatro grego, apesar da sua grandeza artística e da sua influência na formação da cultura ocidental, ensinava fatalismo e conformidade. Ensinava as pessoas a se conformarem com a vontade dos deuses que regiam o mundo de uma forma irracional. Alguns líderes religiosos, mesmo aqueles que nunca ouviram falar de Aristóteles, parecem ter embarcado neste caminho. Emoções mal administradas podem, de fato, atrapalhar a vida afetiva de uma pessoa; podem até provocar problemas familiares, financeiros e na área da saúde. Tirar sintomas momentaneamente pode aliviar, mas não resolve o problema que deu início aos sintomas. A solução para esse tipo de problema não é assistir a uma peça de teatro, um filme e nem a uma encenação "religiosa". Em alguns casos, é necessário procurar a ajuda de um psicólogo, mas em todos os casos é preciso enfrentar o mundo em que se vive, conhecer sua própria personalidade com as limitações que tem e, com a força que Deus dá a cada um, eliminar o problema. Deus não é um "deus ex machina", tal como aparece nas comédias gregas, que são apenas tragédias com um inesperado final feliz. Deus é aquele que libertou seu povo da escravidão no Egito, que nos mostrou seu rosto benevolente na vida de seu Filho Jesus e que nos orienta hoje pela ação do Espírito Santo. Por sua palavra, ele nos ajuda a entender nossa realidade, não para nos conformar com ela, mas para transformá-la de acordo com sua vontade. Ele não espera de nós manifestações emotivas, mas um firme compromisso com seu projeto para nossa vida e nosso mundo.

Uma pessoa que pode nos ajudar a entender tudo isso é o profeta Oséias, uma pessoa extremamente emotiva, de grande sensibilidade e que teve um relacionamento de profunda intimidade com Deus. Ele chega a expor para o público não um teatro e nada ensaiado, mas a sua vida íntima, os segredos do seu leito conjugal. Atento à realidade em que ele vivia, marcada pela infidelidade do povo a Deus, ele pôde perceber a reação espontânea de Deus diante daquela realidade, mas também entender o conflito que isso provocava no coração divino. Por meio dele, Deus nos revela sua vida afetiva.

O Profeta Oséias

Sabemos muito pouco a respeito do profeta Oséias. Ele era casado, pai de três filhos, e vivia no Reino do Norte nos anos imediatamente antes de sua destruição. Alguns querem saber mais e vasculham o texto à procura de indícios de seu lugar de origem, sua profissão, etc. Chegam a sugerir que ele era padeiro, um médico, um profeta associado a algum santuário ou um agricultor, mas isso somente por causa de imagens literárias usadas por ele. Com o mesmo tipo de argumentação, porém, poderíamos concluir que ele fosse apaixonado pela vida no deserto, um caçador de aves, ou um perito sobre os hábitos de leões, ursos e panteras.

É até muito discutido o assunto do casamento de Oséias e não há nenhum consenso quanto às seguintes questões: Deus mandou Oséias casar-se com Gomer quando ela já se prostituía, ou ela se tornou infiel depois do casamento? Oséias casou duas vezes com a mesma mulher ou com mulheres diferentes: a "mulher que se entrega à prostituição" do capítulo 1 e a "mulher que ama um outro e que comete adultério" do

capítulo 3? O material biográfico do capítulo 1 e o autobiográfico do capítulo 3 relatam dois episódios diferentes ou refletem sobre o mesmo assunto de pontos de vista diferentes? Essa última hipótese parece ser a mais razoável.

Comentaristas antigos achavam moralmente repugnante a idéia de Deus mandar Oséias casar-se ou mesmo aceitar de novo uma mulher promíscua. Uns falavam que esse casamento era o conteúdo de uma visão ou de um sonho, mas nunca aconteceu na vida real (Ibn Ezra, Maimônides, Kimchi), outros que a estória é uma parábola ou alegoria (o Targum, Rashi, S. Jerônimo).[1] E ainda tem gente que pensa assim; pois, atrelados à mentalidade da classe média, imaginam que Deus não poderia fazer algo que iria tornar a vida de seu profeta tão desconfortável.

Mas Deus não parece tão interessado em nosso conforto. Ele também mandou Jeremias ser celibatário e tirou a vida da esposa de Ezequiel, isso para que os dois fossem sinais para seus contemporâneos. Por meio de seus profetas, Deus quis se comunicar, em termos bem antropomórficos, para podermos conhecer sua mente e seu coração. Oséias encarnou em sua vida aquilo que estava acontecendo com Deus: sentia na carne o que Deus estava sentindo. E, por isso, foi capaz de nos transmitir, com linguagem muito viva, a Palavra de Deus.

Mas, afinal de contas, Oséias é apenas um personagem secundário no seu livro. O livro tem 180 versículos. Dois (1,1; 14,10) claramente não são do profeta e têm algumas glosas (1,7; 3,5; 4,5; 12,1). Apenas 13 versículos relatam a vida conjugal e familiar do profeta. Os outros 161 fazem parte de oráculos, embora estes normalmente não tenham o formulário do mensageiro. Nesses oráculos é Deus quem fala. E ele fala a respeito do seu relacionamento com seu povo.

De fato, os personagens principais do livro são Deus e Israel, nomeado assim 43 vezes, mas que é também chamado 37 vezes de "Efraim" e 3 vezes de "Jacó". O nome "Judá" também aparece, devido a modificações feitas no livro quando ele foi levado para o Reino do Sul depois da destruição da Samaria. Às vezes, "Judá" é simplesmente paralelo a Israel e, nestes casos, as frases podem ser do profeta. As frases favoráveis ao Reino de Judá ou à casa de Davi certamente são glosas. Quando Deus usa "Israel" ou "Efraim", revela o que ele pensa sobre a situação social, política, econômica e religiosa do país. Quando se trata de "Jacó", a inerente maldade do povo é descrita. Mas "Efraim", embora muitas vezes paralelo a "Israel" e com as mesmas conotações, também pode ser um apelido carinhoso. Quando Deus usa este nome assim, ele fala dos seus sentimentos. Por causa de sua própria situação conjugal, o profeta pôde entender a mente e o coração de Deus e nos revelar a mistura de ira, mágoa, nostalgia, paixão e ternura que Deus estava experimentando por causa do seu povo infiel.

1. HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. New York, 1969, p. 53.

A falsidade do povo

Evidentemente, Oséias conhecia tradições a respeito de Jacó muito semelhantes àquelas que, posteriormente, foram incorporadas no livro de Gênesis. Fala de como Jacó tomou o lugar de seu irmão (12,4), como lutou contra Deus em Fanuel e o encontrou em Betel (12,4-5) e também do seu serviço junto a Labão para poder ganhar uma esposa (12,13). Oséias aplica as atitudes e os acontecimentos da vida de Jacó/Israel ao povo como um todo. Jacó serve como arquétipo para Israel em suas várias transgressões. Nas tradições que foram incorporadas no Pentateuco, Jacó é apresentado como um esperto que sabe enganar, usando astúcia e até mentiras, para conseguir o que quer. E o que ele quer é a proeminência e a prosperidade. Nisso ele antecipa a conduta do povo que também usa de falsidade para conseguir riqueza (12,8-9). Mas Oséias apresenta Jacó de uma forma mais negativa ainda. Enquanto no livro de Gênesis Esaú reclama que seu irmão o suplantou duas vezes, referindo-se ao roubo da primogenitura e da bênção (Gn 27,36), Oséias ou conhece uma tradição diferente, ou modifica as mesmas tradições para dizer que "no seio materno ele suplantou seu irmão" (12,4a). Era parte de sua natureza enganar, mentir e ser falso. E Israel herdou essas qualidades de seu antecessor epônimo.

Efraim cercou-me de mentira,
E a casa de Israel, de impostura (12,1)

Israel, conforme Oséias, não lutou com Deus como em Gn 32,25; lutou contra Deus (12,4b). Israel não é apenas semelhante a Jacó; no livro de Oséias, ele é Jacó, mas um Jacó até pior. Uma boa parte do vocabulário usado no livro de Gn para descrever o comportamento de Jacó é o mesmo usado no cap. 12 de Oséias.[2]

A afirmação: Oséias "só tem recordações negativas dos patriarcas hebreus"[3] é, no mínimo, uma generalização; pois, dos patriarcas, Oséias só menciona Jacó. E o menciona, porque ao longo do seu livro Israel tem os mesmos defeitos de Jacó. O povo "suplanta", "engana", "mente", "maquina o mal" e, como os cananeus, usa balanças mentirosas (4,2; 7,1.3.13; 10,4.13; 12,1.2.8.12). Mas para Oséias isso não é de longe o pior defeito do seu povo.

A infidelidade do povo

Oséias também conhecia as tradições que seriam incorporadas nos livros do Êxodo e de Números: a saída do Egito, a travessia do deserto, a Aliança e a entrada na terra prometida. O incidente em Fegor (Nm 25; cf. Os 9,10) é o paradigma que explica a situação contemporânea de Israel. "Israel se prostituiu!" Esta é a acusação constante

2. FISHBANE, Michael. *Biblical Interpretation in Ancient Israel*. Oxford, 1991, p. 376-379.

3. VIRGULIN, Stefano. "Os Doze Profetas", em: *Introdução à Bíblia* II/4, ed. Teodorico Ballarini. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978, p. 71.

de Deus contra o seu povo e a acusação visa, basicamente, a falsa religião que Israel tinha abraçado.

No nosso século XX, a religião tem sido usada, do ponto de vista sócio-político, como um enfeite ou um apêndice à organização da sociedade. Os políticos falam que Deus está com eles, os meios de comunicação social apresentam a religião como uma expressão folclórica e o povo, cada vez mais, procura uma religiosidade individualista e sentimental, desligada de qualquer compromisso político. A sociedade, neste século, criou ou apoiou a teologia que queria, a não ser nos países oficialmente ateus, que não queriam teologia nenhuma. Na Antigüidade, pelo contrário, acreditava-se sinceramente que a teologia criava e sustentava a sociedade e que a religião determinava a organização sócio-política. Os estados terrenos eram concebidos como cópias em miniatura da imaginada organização celeste. E a mitologia, normalmente encenada, lembrava constantemente como deveria ser a organização humana.

As referências ao nomadismo em Oséias lembram a autêntica religião e organização sócio-política do povo de Deus (2,16-17). Como nômades ou seminômades, sem grandes posses materiais, sem lideranças fortes, o povo reconhecia sua dependência fundamental diante de Deus. E o Deus de Israel exigia desse povo, acima de tudo, fidelidade e uma vida moralmente correta. A retidão, a justiça e a conseqüente convivência harmoniosa de todos representavam, juntas, a grande bênção da qual todas as outras bênçãos decorriam. Deus era visto como o Deus dos pastores que conduzia seu povo nas suas andanças e o defendia contra seus inimigos. A terra era um dos dons de Deus, e ela misteriosamente fornecia aquilo que era necessário para os rebanhos.

Os cananeus, pelo contrário, eram agricultores e tinham uma sociedade bem estruturada para poder explorar a terra. Cada cidade cananéia era um verdadeiro estado com seu rei, sua aristocracia militar e seus camponeses. Os camponeses trabalhavam nos campos, produziam a riqueza material e alimentavam a estrutura quase feudal; pois era isso que a teologia deles exigia. A bênção principal nessa teologia era a fertilidade e a fartura, fornecidas à terra e aos rebanhos por deuses identificados com cada local e chamados de *ba'alim* (baals). A palavra "baal" significa dono ou proprietário e esse proprietário mítico tinha como representante terrestre o rei ou latifundiário local. Os deuses da fertilidade poderiam abençoar uma ordem social que garantia e aumentava cada vez mais a fartura. Uma sociedade estável, com classes sociais bem definidas, garante a fertilidade e aumenta a riqueza; pois sempre tem mão-de-obra disponível e a riqueza é concentrada nas mãos de poucos, onde ela pode render sempre mais riqueza em vez de ser gasta pela multidão. O Deus de Israel era o libertador dos oprimidos que exigia do seu povo justiça e retidão; os deuses cananeus sustentavam os opressores e exigiam do seu povo apenas o culto.

O culto da fertilidade era bastante difundido em todo o Oriente Médio e em grande parte da Europa. Em Canaã, Baal tinha uma consorte chamada Astarté. Acreditava-se que a fertilidade da terra dependia da união sexual de Baal com Astarté e que os devotos poderiam provocar esta união, encenando-a nos lugares de culto. As hierodulas representavam Astarté e, por ocasião dos festivais associados ao ano agrícola, às luas novas e aos sábados, afluía grande número de devotos para, muitas vezes, participar de bebedeiras e orgias sexuais.

Os massacres dos cananeus relatados no livro de Josué representam muito mais uma mentalidade do que a realidade. Para o historiador deuteronomístico, isso que deveria ter acontecido teria eliminado de antemão muitos males. De fato, houve lutas, mas houve também assimilação e acomodação. O povo de Israel aprendeu a lidar com a agricultura dos seus vizinhos cananeus e, com isso, aprendeu a fazer aquilo que os cananeus achavam necessário para garantir uma boa colheita – participar do culto da fertilidade. Não imaginava que seu Deus, o deus dos pastores, poderia fornecer chuva, fertilidade e fartura nas colheitas. "Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o mosto e o óleo, quem lhes multiplicava a prata e o ouro que eles usavam para Baal" (2,10). Muitos freqüentavam o culto de Baal, mas também muitos continuaram "fiéis" a Javé, mas o Deus de Israel gradativamente adquiriu as características de Baal, e as crenças e as práticas associadas com o culto da fertilidade foram usadas também no culto a Deus.

Paralelamente, houve uma transformação político-social. Frente à ameaça dos filisteus, as tribos se reuniram e "pediram um rei como os demais povos" (1Sm 8). Para o historiador deuteronomístico, foi exatamente isto que ganharam: um rei no estilo cananeu, um rei que formou uma classe de nobres desapropriando a terra de alguns e dando-a para outros, um rei que se preocupava com o desenvolvimento e conforto, isto é, com a fertilidade, e não com a vivência da aliança; ganharam um rei que construiu um palácio enorme no qual o Templo de Deus era apenas um pequeno anexo.

Na época de Oséias, a monarquia de Israel entrou em crise. A morte de Jeroboão II coincidiu com a expansão do Império Assírio sob Teglat-Falasar III. Diante da ameaça de invasão e anexação pelos assírios, alguns queriam resistir, apoiando-se em alianças com o Egito e os outros pequenos estados da Siro-Palestina, outros queriam aceitar a dominação assíria. Houve uma sucessão acelerada de reis que tomaram o trono por meio de golpes e assassinatos. De 744 até 734 houve sete reis, dos quais só dois deixaram seus filhos como sucessores e estes foram assassinados no mesmo ano em que tomaram posse. Não sabemos as datas exatas do ministério do profeta Oséias, mas certamente coincidiram com este período (cf. 7,7).[4]

Quando Oséias fala em "prostituição", ele está falando, sem dúvida, do culto da fertilidade, com suas orgias, etc.

> *Terminada a bebedeira, entregam-se à prostituição;*
> *preferem a Ignomínia a seu Orgulho* (4,18; cf. 4,10-19; 9,1).

4. MCKENZIE, John L. *The Two Edged Sword.* New York, 1956; *The Old Testament without Illusion.* New York, 1966.

Este culto estava acontecendo até nos santuários javistas:

Em Betel vi uma coisa horrível,
Ali se prostitui Efraim,
Contamina-se Israel (6,10).

Mas também ele está falando do abandono de Javé para adorar a Baal:

Eu a castigarei pelos dias dos baals
aos quais queimava incenso.
Enfeitava-se com seus anéis e suas jóias
e corria atrás de seus amantes,
mas de mim ela se esqueceu (2,15; cf. 2,7-10.18; 11,2; 13,1).

Fala também da idolatria, do culto a um deus representado pela imagem de um touro:

Eles constroem para si uma imagem de metal fundido,
com sua prata, ídolos de acordo com sua habilidade.
Tudo isso não é senão obra de um artesão!
Eles dizem: "Oferecei-lhes sacrifícios".
Homens beijam bezerros! (13,2; cf. 8,5-6; 10,5; 11,2; 12,12; 14,3-4; 14,9).

Trata-se de um deus que poderia ser manipulado:

Meu povo consulta seu pedaço de madeira,
e seu bastão faz-lhes revelações;
porque um espírito de prostituição os seduziu (4,12).

Mas, quando Oséias fala de "prostituição", também está falando do abandono da vida comunitária das famílias nos clãs e nas tribos para adotar a vida dos cananeus, com cidades, classes sociais definidas, etc.

Israel esqueceu aquele que o fez
e construiu palácios.
Judá multiplicou as cidades fortificadas (8,14; cf. 8,11-14).

Fala do abandono de um sistema político descentralizado, sem fortes lideranças, para adotar a monarquia, do jeito que existia entre "os demais povos":

Eles constituíram reis sem o meu consentimento,
escolheram príncipes, mas eu não tive conhecimento (8,4; cf. 7,3-7; 9,15; 13,10-11).

Refere-se à procura de apoio junto aos impérios estrangeiros, confiando nas suas armas de guerra:

Efraim mistura-se com os povos...
Os estrangeiros devoram seu vigor...
Efraim é como uma pomba ingênua, sem inteligência,
pedem auxílio ao Egito, vão à Assíria (7,8-12).

Quando eles subiram à Assíria
– asno selvagem entregue a si mesmo –
Efraim contratou amantes para si (8,9; cf. 5,13; 8,8-10; 12,2).

Oséias é, pois, um poeta. E um poeta pode revelar múltiplas facetas da realidade, usando uma única imagem ou uma única frase: "Israel se prostituiu!"

Deus, Fiel e Verdadeiro

Diante deste quadro, Deus resolve impor ao seu povo o castigo merecido por uma mulher adúltera: *Porei a nu a sua vergonha ante os olhares de seus amantes* (2,12); *Efraim será uma ruína no dia do castigo* (5,9). Oséias, sentido por causa da infidelidade de Gomer, era capaz de entender o coração de Deus e como ele poderia exigir o apedrejamento e a eliminação da esposa infiel. Estas palavras, porém, não representam um julgamento final e nem uma previsão exata. A intenção é transmitir a intensidade da ira divina. Mas não traduzem tudo o que Deus sentia diante de seu povo. Se sua ira é intensa, seu amor continua profundo. Existe uma tensão dramática diante da infidelidade do povo.

Deus recorda, com nostalgia, os primeiros dias do seu relacionamento com Israel:

Quando Israel era um menino, eu o amei (*'ahab*)
e do Egito chamei meu filho (11,1; cf. também 9,10).

Mas quanto mais Deus o chamava, tanto mais o povo se afastava dele:

Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar,
tomando-o pelos braços,
mas não reconheceram que era eu que cuidava deles!
Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor (*'ahabah*).
Eu era para eles como quem levanta uma criancinha junto ao seu rosto,
eu me inclinava para ele e o alimentava (11,3-4).

Deus amava Israel, como Oséias amava Gomer. A palavra é a mesma – *'ahab* –: "Vai novamente, *ama* uma mulher que *ama* outros e que comete adultério, como Javé *ama* os filhos de Israel, embora estes se voltem para os deuses estrangeiros e *amem* os bolos de passas" (3,1).[5]

"A palavra 'amor' é a tradução mais comum do termo hebraico *'ahabah*, e o verbo *'ahab* é 'amar'.... *'ahab* pode significar: o amor natural de um pai a seu filho (Gn 22,2), dos esposos entre si (Gn 24,67) ... e até o amor paixão sexual (2Sm 13,1.4.15); mas também o amor ao próximo por motivos religiosos (Lv 19,18), o amor ao estrangeiro (Lv 19,34) e, sobretudo, o amor para com Deus (pela primeira vez em Ex 20,6);

5. Ou: "para outros deuses que amam bolos de passas".

finalmente, o amor que Deus tem aos homens, sobretudo ao povo de Israel, é designado por *'ahab* (cf. Dt 4,37)".[6]

Por definição, *'ahab* inclui tudo aquilo que associamos com afetividade além do amor entre Deus e seu povo, mas no livro de Oséias a palavra não é usada assim. Israel ama (*'ahab*) "o salário de prostituta em todas as eiras" (9,1), "pisar as eiras" (10,11), "extorsão" (12,8). Seu amor é interesseiro e materialista e leva o povo para longe de Deus. Pelo outro lado, Deus ama (*'ahab*) Israel, como Oséias ama Gomer. Mas o povo não ama (*'ahab*) Deus e nem é chamado a fazer isto. Talvez por ser uma palavra com a mesma raiz da palavra usada no culto cananeu[7], Oséias evita esta palavra quando trata do relacionamento do povo para com seu Deus. Quando Deus fala do amor que espera de seu povo, usa uma outra palavra:

> *Que te farei, Efraim?*
> *Que te farei, Judá?*
> *O vosso amor* (hesed) *é como a nuvem da manhã,*
> *como o orvalho que cedo desaparece* (6,4).

E, logo em seguida, Deus acrescenta:

> *Porque é amor* (hesed) *que eu quero e não sacrifício,*
> *conhecimento de Deus mais do que holocaustos* (6,6).

O que Deus quer não é *'ahab* e sim *hesed*. O termo *hesed* é traduzido normalmente por "amor" mas também muitos o traduzem como "bondade", "benevolência"[8], ou misericórdia (Mt 9,13). De fato, seria melhor traduzi-lo como "amor fiel da aliança". É a disposição necessária por parte dos contratantes quando se faz um pacto ou uma aliança; no caso, fidelidade e obediência a Javé. No livro de Oséias, *hesed* normalmente aparece como parte de um binômio e assim é qualificado pela outra parte. E a outra parte do binômio é sempre fidelidade (*'emet*), justiça (*çedaqah*), retidão (*mishpat*) ou solidariedade (*raham*), além do conhecimento de Deus. *Hesed* exige, pessoalmente, a vivência da retidão e integridade moral e, em nível nacional, a justiça social e a solidariedade. E Israel claramente não estava cumprindo as obrigações que a aliança com Deus exigia. Oséias fala:

> *Ouvi a palavra de Javé, filhos de Israel, pois Javé vai abrir um processo contra os habitantes da terra,*
> *porque não há fidelidade nem amor* (hesed)
> *nem conhecimento de Deus na terra,*
> *mas perjúrio e mentira, assassínio e roubo,*
> *adultério e violência,*

6. BAUER, Johannes (ed.). *Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Ed. Loyola, 3ª ed., 1984, vol. 1, p. 37.
7. McCARTHY, DENNIS J. and MURPHY, Roland E. "Hosea", em: *The New Jerome Biblical Commentary* (ed. Raymond E. Brown et al.). Englewood Cliffs, 1990, p. 221.
8. BAUER, *op. cit.*, p. 143.

> *e o sangue derramado soma-se ao sangue derramado.*
> *Por isso a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes* (4,1-2).

Este oráculo, como a maior parte dos oráculos no livro, tem a forma de um protesto (*rîb*) na situação formal de um processo judicial: a indicação do acusado, a acusação, o julgamento e a declaração da pena.

Mas *hesed* não é simplesmente um termo jurídico. O verdadeiro amor (*hesed*) tem a ver com a mente e o coração; significa dedicação sincera à outra parte. Esta disposição fundamental (porque fundamenta a aliança) é reforçada pelo uso de uma outra palavra: *raham*. Quem é fiel a uma aliança tem compaixão da outra parte. Traduzir *raham* por compaixão não faz justiça à palavra hebraica; pois em português compaixão tem conotações de tristeza diante da situação do outro e de sentimentos de pesar, dor, comiseração e condolência. *Raham* significa dedicação pessoal e disposição permanente de ajudar e proteger a outra parte; a palavra é associada aos sentimentos de uma mãe para seus filhos (*rehem* = útero, entranhas, vísceras).[9]

> *Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim,*
> *entregar-te, ó Israel...*
> *Meu coração se contorce dentro de mim,*
> *minha compaixão se acende*[10] (11,8-9).

Estas palavras não tratam de uma emoção passageira ou de uma atitude particular; elas falam do relacionamento constitutivo entre Israel e seu Deus. O amor de Deus para seu povo não é uma emoção. É uma decisão irrevogável por parte dele. É esta atitude que governa todo o seu relacionamento com seu povo. E ele espera de seu povo uma atitude semelhante. E a atitude semelhante por parte do povo seria a vivência do amor fiel da aliança, com tudo o que isso implica: retidão, justiça e solidariedade e uma relação afetuosa com ele.

A falta de conhecimento

A palavra que Oséias usa para expressar o relacionamento afetuoso que Deus espera de seu povo é "conhecimento": *da'at*. Aliás, ele reclama pelo menos vinte vezes da falta de conhecimento de Deus na terra ou da necessidade de conhecer a Deus. Esta falta de conhecimento, para Oséias, é o erro principal de Israel e de seus líderes (4,6).

O substantivo *da'at* (ou o verbo *yada'*) não significa simplesmente compreensão intelectual: conhecer fatos ou informações. Tem também uma conotação emotiva muito forte; porém significa um sentimento cultivado e não uma emoção espontânea. É usado muitas vezes, na Bíblia, com o sentido de empatia ou solidariedade: "Os filhos de Israel, gemendo sob o peso da escravidão, clamaram, e do fundo da servidão o seu

9. McCARTHY, *op. cit.*, p. 218.
10. Ou "minhas entranhas se comovem" (A solução do problema textual sugerida em Luis Alonso SCHÖKEL, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, S. Paulo, Paulus, 1997, p. 430, é usada em quase todas as traduções.)

clamor subiu até Deus. E Deus viu os filhos de Israel e conheceu" (Ex 2,24-25). Seria melhor traduzir *yada'* neste texto por "Deus teve compaixão". No negativo, significa rejeição: "Levantou-se sobre o Egito um novo rei que não conhecia José" (Ex 1,8). Na história que o Pentateuco relata, seria absurdo interpretar isso como "o Faraó não conhecia José pessoalmente", e impossível pensar que ele não soubesse quem era José, que tinha mudado toda a política agrária do país. O novo rei simplesmente não gostava de José e nem daquilo que ele tinha feito. Além disso, a palavra também significa, em todas as línguas semíticas, a união sexual. "Adão conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim" (Gn 4,1).

Oséias não estava preocupado com o fato que o povo não sabia muita coisa a respeito de Deus. Ele estava preocupado com o fato que o povo não procurava Deus, não dialogava com ele, não se preocupava com os desejos dele; nunca fez a experiência de partilhar sua vida com Deus, e nem queria. É verdade que alguns falavam: "Conheçamos, corramos atrás do conhecer a Javé", mas eram palavras vãs pronunciadas da boca para fora. Esperavam uma resposta exata e imediata de Deus por causa de suas palavras (6,3), reduzindo Deus a um baal, facilmente manipulado. O verdadeiro conhecimento, pelo contrário, leva tempo. Conhecer é encontrar, conversar, se aproximar, compartilhar, corresponder, se revelar, assumir, se comprometer e se envolver profundamente na vida do outro. Por isso, a analogia do casamento, talvez melhor do que qualquer outra comparação, revela o que Deus quer do seu povo. "Eu te desposarei a mim na fidelidade e tu conhecerás a Javé" (2,22). Deus quer o engajamento total do seu povo, o apego a ele e a afetuosa solidariedade com sua vontade.

Oséias foi muito corajoso e até ousado em usar a analogia do casamento para expressar o relacionamento de Deus com seu povo, considerando a realidade em que vivia, marcada pelo culto da fertilidade, suas práticas grosseiras e sua mentalidade materialista e interesseira. A mesma analogia foi retomada pelos profetas Jeremias e Ezequiel, que retratam Israel como esposa infiel (Jr 2,20-25; 3,1-5.20; 4,7-9; Ez 16; 23). Mas a analogia do povo como esposa foi usada também por Jesus (Mc 2,19-20; Mt 25,1-13), por Paulo (2Cor 11,2; Ef 5,21-33) e por João de Patmos (Ap 19,7; 21,2). Ela influenciou bastante a linguagem de muitos hinos e pregações, como os de S. Bernardo de Claraval, e proporcionou para a Igreja calor humano e profundidade na vida de oração.

Mas, infelizmente, nas mãos de muitos compositores de música sacra e pregadores, a analogia tornou-se o suporte para uma religião muito individualista e sentimental. "Cristo amou a Igreja" virou "Jesus, amante de minha alma", e há orações ainda hoje, publicadas com a devida permissão eclesiástica, em que os beijos e abraços chegam a ser sufocantes. Na realidade, o sentimentalismo e a espiritualidade individualista abafam a palavra de Deus que nos foi transmitida por Oséias (e Jeremias, Ezequiel, Jesus, Paulo e João).

O mundo de Oséias e seu tempo eram bastante semelhantes à nossa realidade. Ele vivia no fim de uma época e podia prever a destruição do seu país. Isso, não tanto porque Deus queria castigar seu povo, mas porque o povo recusou-se a viver de tal maneira que pudesse ser salvo da destruição. Qualquer país em que as decisões políticas

são tomadas de uma maneira vacilante e aleatória, em que a maioria é explorada por um pequeno grupo que acumula cada vez mais e que deixa o povo se anestesiar, fazendo das bebedeiras e da promiscuidade sexual seus passatempos preferidos, poderia facilmente ser dominado por um outro. A falta de justiça, retidão e fidelidade estava minando a nação por dentro.

Mas, Oséias não falava simplesmente para ameaçar seu povo e suscitar medo. Ele deve ter acreditado na possibilidade de uma mudança, de uma conversão radical, se não, não teria sentido nem falar. E isso representa o desejo de Deus:

> *Eis que vou, eu mesmo, seduzi-la,*
> *conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração....*
> *Ali ela responderá como nos dias de sua juventude,*
> *como no dia em que subiu da terra do Egito* (2,16-17).

Em Oséias, Deus ama seu povo (*'ahab*), mas esse amor é um ato de sua vontade e não uma emoção passageira. Israel, pelo contrário, quer um deus capaz de cumulá-lo de bens materiais, pois o que ele ama (*'ahab*) são estas coisas. Para conseguir o que ele quer, procura manipular seu deus participando de encenações mitológicas, cheias de sensualidade e depravação, esquecendo-se de suas origens e da aliança feita com Deus. A aliança exige a vivência consciente da fidelidade a Deus e ao seu projeto de liberdade e igualdade para todo seu povo. Ele merece o castigo de uma adúltera, mas Deus o chama à conversão e à vivência do amor fiel da aliança, que exige uma tomada de posição. O amor verdadeiro, aliás, é sempre uma decisão e não uma emoção. Deus espera de nós não manifestações cheias de emoção e de interesse pessoal, mas o amor fiel da aliança (*hesed*) – o compromisso com a honestidade, a retidão e a justiça social. Espera que nós saibamos nos apegar (*da'at*) a ele e à sua vontade de eliminar a falsa religião que existe no meio de nós: a idolatria da sensualidade, do consumismo e do poder, para podermos viver realmente como sua esposa, seu filho, seu povo.

No livro de Oséias, Deus nos revela seu lado emotivo e sua afetividade. Podemos perceber sua tristeza, sua ira e suas mágoas diante da falsidade e infidelidade de seu povo. Podemos perceber também sua nostalgia, sua ternura e seu amor para com esse mesmo povo. Deus tomou a decisão de ser fiel e de continuar amando seu povo, apesar de tudo. Ele anuncia isso pela boca do profeta, querendo criar um diálogo com o povo. Ter uma vida afetiva equilibrada e saudável só é possível se a pessoa souber administrar suas emoções, e existe uma só maneira de administrar emoções: viver o diálogo. O profeta Oséias, por causa da sua vida conjugal desastrosa, por causa de um agudo senso de observação crítica de sua realidade e por causa de sua vida intensa de oração, teve uma relação muito íntima com Deus. Ele foi o instrumento que Deus escolheu para dialogar com esse povo, e pôde com total sinceridade e com muita convicção anunciar para seus contemporâneos e para nós: "A Palavra do Senhor" (2,15; 4,1).

João Daiber
Rua 90, n. 40 Setor Sul
74093-020 Goiânia, GO